

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E AS EMOÇÕES DOS(AS) APRENDIZES NA SALA DE AULA

Lupercia Jeane Soares

Universidade Federal da Paraíba/Prefeitura Municipal de João Pessoa (luperciajeane@yahoo.com.br)

Resumo

Este artigo trata-se de um estudo como parte uma pesquisa de doutorado em andamento na Universidade Federal da Paraíba. Baseado em percepções da sala de aula, este artigo objetivou identificar as emoções nos diferentes comportamentos de crianças na escola; analisar situações da sala de aula que representam a manifestação das emoções em crianças que não apresentam sucesso no desempenho escolar; apontar a importância das questões emocionais para o desenvolvimento integral dos(as) estudantes. Essas percepções levaram a uma curiosidade epistemológica a respeito de determinadas dificuldades de aprendizagens em crianças que não têm diagnósticos clínicos de transtornos ou problemas de ordem biológica e/ou neurológica e, no entanto, não alcançam êxito na escolarização, iniciando um processo de distorção idade/ano e chegando ao final do ciclo de alfabetização sem ler e escrever com autonomia. Desta forma, esse artigo busca apresentar como possível causa as questões emocionais desses(as) aprendizes, considerando as emoções como um aspecto tão importante do processo de aprendizagem quanto o aspecto cognitivo. Neste artigo emoções como medo, vergonha, tristeza, ansiedade representam o retrato da criança que não consegue se alfabetizar dentro do prazo estipulado pelos ciclos escolares, intrigando os programas de alfabetização do governo, formação continuada de professores entre outras alternativas para elevar os índices de aprendizagem no país. Baseado nos estudos de Antônio Damásio, Elisa Gonsalves, Rafael Bisquera, Henri Wallon, esta pesquisa busca esclarecer a importância de uma educação emocional, conhecer as emoções dos alunos e alunas que estão dentro da escola e ajudar a lidar melhor com o que sentem.

Palavras-chave: educação, emoção, escola, dificuldade de aprendizagem.

*“As emoções dão significado e sentido à nossa existência.
E os pequenos momentos de prazer e satisfação
é o que faz a vida valer a pena, afinal de contas.”
Marcos Nicolau*

Baixos níveis de rendimento escolar, crianças não alfabetizadas chegando ao final do ciclo de alfabetização geram grande inquietação e busca por respostas. Como explicar? Como compreender? Como aceitar? São tantas as perguntas.

Nos estudos de Furtado (2015), provenientes de sua pesquisa de mestrado e doutorado, sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais precisamente sobre o crescente número de jovens nesta modalidade de ensino. A autora defende que o motivo principal para esta problemática, são as situações de fracasso na escola da infância vivenciadas por estes jovens, marcado por anos de repetência e/ou desistência na escola, sendo direcionados às turmas de EJA, pela distorção idade/ano.

Na tentativa de encontrar explicações e soluções para esse fenômeno, este artigo parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que busca analisar questões emocionais como a principal causa das dificuldades de aprendizagem em crianças que não apresentam diagnósticos, mas que revelam comportamentos de negação aos estímulos externos de aprendizagem, preferindo negar-se a executar as atividades, inquietos(as) pela sala de aula, buscando tirar a concentração dos colegas, apresentando comportamentos desafiadores, agitados, agressivos.

Ao analisar o cotidiano na escola, a realidade dessas crianças justifica a tese de Furtado (2015), o fracasso escolar, que leva cada vez mais jovens à EJA, começa ainda na infância. Essa pesquisa aponta que questões emocionais se entrelaçam nesse quadro e estão relacionadas a diferentes fatores desencadeadores da raiva, tristeza, medo, vergonha entre outras emoções que se apresentam como elemento determinante para o insucesso na aprendizagem.

A compreensão das emoções pode contribuir para melhorias na educação, proporcionando um estado emocional que favoreça a aprendizagem nas diferentes etapas da escolarização.

Para Gonsalves (2015),

“As emoções são reações que temos mediante informações que recebemos, sendo que essas informações surgem a partir das relações que estabelecemos com o entorno. A intensidade das emoções, portanto, está na dependência da avaliação realizada sobre a informação recebida que se dá, necessária e diretamente relacionada, com nossos conhecimentos prévios, crenças, objetivos pessoais, percepção do ambiente. Assim, para ser desencadeada, a emoção precisa de um estímulo inicial, que pode ser interno (ex. memória episódica) ou externo (ex. situação a qual o indivíduo dá atenção) e que, qualquer que seja a via de acesso, ela é produzida gerando impactos de diversas ordens no organismo.” (p.31).

Sendo assim, é importante questionar quais emoções são despertadas em nossos(as) alunos(as) frente ao objeto de estudo? São instigados a conhecer ou criam aversão aos estudos? Quais emoções se manifestam nos professores no processo de ensino?

O comportamento atrevido, agressivo e o ato de ignorar uma atividade em sala de aula pode indicar muito mais das emoções do que podemos imaginar. O não querer realizar determinado trabalho proposto pode ser por ter consciência de que não sabe e que outros podem perceber sua fragilidade nesse ponto e a partir daí ser apontado ou apontada como aquele ou aquela que não sabe. Isso pode justificar grande parte do conjunto de comportamento que vemos cotidianamente nas escolas, no entanto, há uma rede de fatores que estão entrelaçados e podem ser justificados pelo medo ou vergonha por não saber fazer.

Henri Wallon, em sua teoria, busca entender as emoções tentando apreender sua função, “defende que as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do sistema nervoso central”. De acordo com esse pensamento, as emoções nos adultos e nas crianças podem ser comparadas pelo fato de que adultos se controlam mais, pois as emoções são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. Sendo assim, nas crianças, as crises emotivas são mais frequentes e visíveis, pois não conseguem disfarçar (GALVÃO, 2008, p. 59).

O medo como representação do “não saber fazer”

Quando a criança diz “não sei” antes mesmo de tentar realizar qualquer atividade solicitada pelo docente, há um turbilhão de emoções que levaram a essa resposta, inclusive o medo. Medo de errar, medo de tentar e ouvir que errou, ouvir que não sabe; ouvir adjetivos pejorativos dos colegas e passar por uma situação de humilhação.

Dizer que não sabe pode também representar a certeza dada por outra pessoa: “você não sabe”; “ele(a) não sabe de nada”. O que o outro diz a seu respeito pode ser recebido como verdade absoluta, principalmente quando falamos de crianças que ouvem o tempo inteiro que devem obedecer aos adultos, aprendem a acreditar no que os adultos falam, “os adultos sabem o melhor para as crianças”, os adultos tomam as decisões pelas crianças, o que os adultos falam é como lei. Da mesma forma, a figura do professor que é um adulto, representa essa autoridade que “sabe tudo” sobre o aluno. Assim, se um adulto, professor diz que você não sabe nada, esse enunciado se torna uma determinação.

Imaginemos a seguinte situação: um aluno novato em uma escola, matriculado no 3º ano - final do ciclo de alfabetização, em seu primeiro dia de aula é solicitado a realizar uma sondagem de escrita; após alguns minutos a professora retorna e nada havia sido realizado da atividade. Ao ser questionado por que não executou, o aluno automaticamente responde: “não sei”.

A constante reprovação de que, provavelmente, esse aluno passara, leva ao desenvolvimento de uma conscientização do “não sei”, assim o aluno já não tenta fazer as atividades, pois já internalizou que é melhor nem tentar, perdendo assim as oportunidades de aprender.

Esse mesmo aluno foi incentivado a tentar fazer e ao realizar, cometeu erros e acertos, a professora o parabenizou. Imediatamente o aluno questiona a professora: “está certo?”; para motivá-lo a professora responde que “sim”; logo é novamente questionada com insistência: “tem certeza?”. Essa atitude aponta para o nível de conscientização que essa criança apresenta

a respeito da própria situação de dificuldade de aprendizagem. A melhor resposta da professora: “sim está, mas faltando algumas letras que eu vou lhe ensinar”. Essa situação fez mudar a perspectiva desse aluno, impulsionando a vontade de aprender.

A emoção do medo é classificada, segundo Damásio (2000 apud GONSALVES, 2015), como uma emoção primária ou básica, considerada inata, ou seja, não aprendemos a sentir medo, o medo existe por si só e se manifesta em nós em determinadas situações.

As emoções têm uma funcionalidade e a função do medo para a vida é a proteção que tem como linguagem corporal o ato de retirar-se/fugir. Essa função é uma adaptação do organismo ao ambiente, é a busca pelo equilíbrio, chamado de autorregulação que é a função de toda emoção. Retornando a situação do aluno acima mencionado, a forma que o mesmo encontrou de proteger-se foi fugir da atividade pelo medo de errar.

Nesse contexto é importante destacar a papel do erro no processo de aprendizagem. Para Piaget, o erro faz parte do processo de assimilação que indica as tentativas de adaptação do novo conhecimento às estruturas cognitivas do indivíduo. Essas tentativas devem ser interpretadas como indicadores dos ritmos e níveis em que o aprendiz se encontra no seu processo de aprendizagem, dessa forma, professores e professoras devem mudar sua abordagem frente aos erros cometidos pelo(a) educando(a) e evitar estigmas que levem à emoções como o medo e a vergonha.

Do medo à vergonha de “não saber fazer”

De acordo com a classificação feita por Damásio (2000 apud GONSALVES, 2015), a vergonha é classificada como uma emoção secundária, uma vez que depende de questões socioculturais para se manifestar. Essas emoções surgem das relações interpessoais.

Continuemos a pensar no aluno apresentado na situação do medo de errar. Agora imaginemos esse mesmo aluno com um grupo de colegas ganhando destaque na sala de aula pelo comportamento agitado, recusando-se a realizar a atividade proposta e atrapalhando o desempenho dos demais alunos e alunas da turma. A professora adverte: vocês terão que realizar a atividade na hora do intervalo, caso não façam agora juntamente com todos.

Os alunos desse pequeno grupo se identificam em relação às dificuldades de aprendizagem que apresentavam, logo não realizavam os trabalhos propostos e preferiam chamar atenção da turma com brincadeiras engraçadas, muitas vezes agressivas, que os deixavam em destaque, em nível de liderança.

Ao soar o toque da escola, que indicava o intervalo, todos costumavam sair correndo, nessa situação, surpreendentemente, o grupo de alunos não afrontou a professora e obedeceu a

advertência que dera “realizar a atividade no intervalo”. As demais crianças da turma saíram para usufruir do recreio.

Mais que imediatamente, sem nenhum questionamento, a professora dá início a atividade e todos, antes agitados e desobedecendo as regras, sentaram-se e concluíram todos os comandos a tempo de ainda curtirem o merecido intervalo.

Essa segunda situação requer uma minuciosa reflexão:

1. Esse grupo de crianças tinha características em comum, o que os unia: dificuldades de aprendizagem, distorção idade/ano, não alfabetizados;
2. A recusa em realizar a atividade juntamente com a turma está relacionada às dificuldades em realizá-la, logo, representa uma desvantagem em relação aos demais colegas que conseguem executar o trabalho proposto;
3. O fato de aceitar perder o intervalo para cumprir com a tal atividade, sem demonstrar nenhum tipo de afronta, revela que a condição do estar “sozinhos”, sem a presença dos que sabiam fazer, os deixava mais à vontade;
4. Por que aqueles, que sabiam fazer a atividade, os incomodavam? Por que “bagunçar” era melhor que realizar as atividades propostas no momento comum a todos e todas?

Percebe-se claramente que havia o surgimento da vergonha de não saber fazer, a vergonha da condição que as dificuldades de aprendizagem os colocavam.

A vergonha é classificada como uma emoção autoconsciente, pois representa uma avaliação do próprio eu. As emoções autoconscientes, “surgen cuando se produce una valoración positiva ou negativa del propio yo en relación com una uma serie de criterios acerca de lo que constituye una actuación adecuada en diversos ámbitos” (ETXEBARRIA, 2010, p. 432).

Nesse contexto a vergonha é uma emoção social, ou seja, existem determinados comportamentos generalizados como ideal, no contexto da escola e voltando a situação em destaque, saber ler e escrever no final do ciclo de alfabetização é uma ação considerada adequada, portanto, crianças com dificuldades e com a compreensão de que ainda não atingiram os objetivos traçados para essa fase, apresentam vergonha diante dos que já desenvolveram essa habilidade.

A vergonha gera um estado emocional desagradável, a pessoa sente o desejo de livrar-se daquela situação, o que provoca uma confusão mental (ETXEBARRIA, 2010, p. 43). Assim, podemos entender quando o grupo de alunos recusa-se a realizar a atividade juntamente com a turma, mas a realiza quando apenas os colegas que compartilham da mesma

dificuldade estão juntos. Essa situação exemplifica uma tentativa de evitar uma situação de constrangimento.

Imaginemos que toda essa situação gerada pelas dificuldades de aprendizagens provoca uma série de emoções consecutivas e que esse turbilhão prejudica a concentração em atividades que exigem um equilíbrio emocional constante para atingir o esperado. Ser colocado frente ao medo e a vergonha constantemente podem levar à tristeza e a ansiedade.

Emoções como impedimento para a aprendizagem

Frente às tentativas mal sucedidas de realizar atividades solicitadas na escola, outras emoções podem ser geradas, como tristeza e ansiedade. As emoções provocam alterações cerebrais, portanto é preciso ficar atento ao estado emocional dos(as) discentes, uma vez que as emoções podem ser provocadas pelo insucesso ou o insucesso estar sendo provocado por emoções geradas até mesmo fora da escola.

“a emoção é a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria, dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais” (DAMASIO, 1996, p. 169 apud GONSALVES, 2015, p. 36).

As emoções como alegria e tristeza são classificadas como primárias ou básicas, são experimentadas por todos nós, sem que ninguém nos ensine a senti-las, são, assim como o medo, emoções inatas.

É importante pensarmos que uma criança que vive uma situação de tristeza provocada em sua vida familiar, por exemplo, pode apresentar dificuldades de aprendizagem na escola. É necessário destacar que muitos estudos acerca de como melhorar a educação são realizados ao longo da história da educação brasileira, no entanto, as emoções correspondem a um aspecto pouco estudado, há poucos olhares voltados para o que é indissociável da formação humana.

Considerar as emoções dos alunos e alunas é buscar conhecer seus pensamentos e atrair sua atenção para os objetivos da aula e ajudar a desenvolver uma educação emocional. “Para ello se propone el desarrollo de conocimientos y habilidades sobre las emociones con objeto de capacitar al individuo para afrontar mejor los retos que se plantean en la vida cotidiana. Todo ello tiene como finalidad aumentar el bienestar personal y social” (BISQUERRA, s.d./s.p).

O poema *Aluna* de Cecília Meireles reflete um pouco o lugar da criança no processo de ensino e aprendizagem que todo(a) professor e professora deve ter a sensibilidade de perceber para que possa tocar suas emoções no contexto da sala de aula.

Aluna
Cecília Meireles

*Conservo-te o meu sorriso
para, quando me encontrares,
veres que ainda tenho uns ares
de aluna do paraíso...*

*Leva sempre a minha imagem
a submissa rebeldia
dos que estudam todo o dia
sem chegar à aprendizagem...*

*_ e, de salas interiores,
por altíssimas janelas,
descobrem coisas mais belas,
rindo-se dos professores...*

*Gastarei meu tempo inteiro
nessa brincadeira triste;
mas na escola não existe
mais do que pena e tinteiro!*

*E toda a humana docência
para inventar-se um ofício
ou morre sem exercício
ou se perde na experiência...*

Esse poema tenta representar o que se passa nos pensamentos daquela criança que não consegue estudar, não consegue aprender e não apresenta diagnósticos de dificuldades ou problemas de aprendizagem ou transtornos, pensamentos ocasionados por interesses que a escola não atende, curiosidades que a escola não aproveita ou ainda acontecimentos da realidade vivida pela criança que a escola parece desconhecer.

É importante pensarmos no cotidiano dessas crianças, a realidade vivida por elas: a casa/família, a escola e suas relações com os outros, a comunidade como um todo podem estar desencadeando emoções que desviam a atenção dos estudos e se tornam invisíveis aos olhos dos(as) professores e professoras que ainda não compreendem as emoções como fator determinante para a aprendizagem.

Nesse contexto surge a educação emocional como requisito imprescindível para a compreensão de certos comportamentos que refletem no rendimento escolar de alunos e alunas. De acordo com Bisquerra (s.d.), “La educación emocional tiene por objeto el desarrollo de las competencias emocionales, de la misma forma en que se puede relacionar la inteligencia académica com el rendimiento académico.” (s.p.).

A educação emocional traz grande contribuição para a escola, apoiando professores(as) e alunos(as) no conhecimento das próprias emoções, no controle emocional, no reconhecimento de situações que se apresentam como estímulo para determinadas emoções que interferem no processo de ensino e aprendizagem, daí aprender a lidar com esses estímulos e com as respectivas emoções provocadas por eles.

Para Nicolau (2002), é importante também que os professores e professoras aprendam a lidar com as próprias emoções, é o que podemos chamar de cuidar de si para cuidar do outro. “Passamos a compreender e a dar atenção aos sentimentos de nossos alunos, descobrindo como tocar sua sensibilidade, quer seja para desarmá-los emocionalmente, quer seja para motivá-lo ao aprendizado” (p.11).

É importante aprofundar estudos na área da educação emocional para construir uma educação preocupada com o desenvolvimento integral do ser e contribuir com a construção de aprendizagens significativas, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aprender mais e melhor.

Referências

BISQUERRA, Rafael. **Concepto de educación emocional**. Disponível em: <<http://www.rafaelbisquerra.com/es/educacion-emocional.html>> Acesso em: 03/10/2017).

ETXEBARRIA. Itziar. In: FERNÁNDEZ-ABASCAL, Enrique G. et al. **Psicología de la emoción**. Madrid: Editorial Ramón Areces, 2015.

FURTADO, Quézia Vila Flor. **Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar**. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2015.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e emoções**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2015.

NICOLAU, Marcos. **Manual de sobrevivência do professor moderno ou a arte de transformar conflitos em aprendizagem**. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 2002.